

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 11, número 1 (2020)

ISSN: 2177-2886

Artigo

## Violência Contra a Mulher no Brasil: Uma Análise Multivariável acerca dos Homicídios de Mulheres entre 1981 - 2016

*Violencia contra la Mujer en Brasil: Un Análisis  
Multivariable sobre los Homicidios de Mujeres entre  
1981 - 2016*

*Violence Against Women in Brazil: A Multivariate  
Analysis of Women Homicides between 1981 - 2016*

**Clayton Pereira Gonçalves**

Universidade Federal de Rondônia - Brasil  
crmiax@gmail.com

**Maria Cristina Fogliatti de Sinay**

Pesquisadora Independente - Brasil  
cristinasinay@gmail.com

**Eduardo André Teixeira Ayrosa**

Universidade Positivo - Brasil  
eayrosa@gmail.com

Como citar este artigo:

GONÇALVES, Clayton P.; SINAY, Maria Cristina F. de; AYROSA, Eduardo André T. Violência Contra a Mulher no Brasil: Uma Análise Multivariável acerca dos Homicídios de Mulheres entre 1981 - 2016. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 98 - 112, 2020. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# **Violência Contra a Mulher no Brasil: Uma Análise Multivariável acerca dos Homicídios de Mulheres entre 1981 - 2016**

*Violencia contra la Mujer en Brasil: Un Análisis Multivariable sobre los Homicidios de Mujeres entre 1981 - 2016*

*Violence Against Women in Brazil: A Multivariate Analysis of Women Homicides between 1981 - 2016*

## **Resumo**

Nesta pesquisa utilizamos a perspectiva teórica da geografia feminista para analisar a violência contra a mulher no Brasil. O propósito deste estudo é compreender como os homicídios de mulheres por mortes violentas se relacionam com fatores socioeconômicos no período compreendido entre 1981-2016. Metodologicamente utilizamos uma regressão linear múltipla com variáveis socioeconômicas para compreender o fenômeno. Os resultados encontrados apontam um modelo final composto por duas variáveis socioeconômicas com predição de 96,6% ( $R^2 = 0,966$ ). E assim, concluímos que a violência contra as mulheres está relacionada com a vulnerabilidade socioeconômica do país.

Palavras-Chave: Violência; Violência contra a Mulher; Gênero; Geografia Feminista.

## **Resumen**

En esta investigación utilizamos la perspectiva teórica de la geografía feminista para analizar la violencia contra la mujer en Brasil. El propósito de este estudio es comprender como los homicidios de mujeres por muertes violentas se relacionan con factores socioeconómicos en el periodo comprendido entre 1982-2016. Metodológicamente utilizamos una regresión lineal múltiple con variables socioeconómicas para comprender el fenómeno. Los resultados encontrados muestran un modelo final compuesto por dos variables socioeconómicas con una predicción de 96,6% ( $R^2 = 0,966$ ). Y así, concluimos que la violencia contra las mujeres está relacionada con la vulnerabilidad socioeconómica del país.

Palabras-Clave: Violencia; Violencia contra la Mujer; Género; Geografía Feminista.

## **Abstract**

In this research we use the theoretical perspective of feminist geography to analyze violence against women in Brazil. The purpose of this study is to understand how violent homicides of women relate to socioeconomic factors in the period 1981-2016. Methodologically, we used a multiple linear regression with socioeconomic variables to understand the phenomenon. The results point to a final model composed of two socioeconomic variables with a prediction of 96,6% ( $R^2 = 0.966$ ). Thus, we conclude that violence against women is related to the socioeconomic vulnerability of the country.

Keywords: Violence; Violence against Women; Gender; Feminist Geography.

**Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay,  
Eduardo André Teixeira Ayrosa**



### **Introdução**

A violência contra a mulher não é um fenômeno novo na humanidade, trata-se de um problema social que ainda instiga diversos pesquisadores a estudá-lo com intuito de trazer para a discussão acadêmica este problema social que afeta milhares de famílias anualmente no Brasil. Ademais, para compreendê-lo melhor devemos nos atentar que a violência contra a mulher se origina na desigualdade de gênero (AGUIAR, 2015).

Estudiosos da área de geografia feminista apontam esta perspectiva teórica como relevante para o entendimento da desigualdade de gênero nas suas mais diversas formas, inclusive na violência contra a mulher (VELEDA DA SILVA, 1998; NAYLOR *et al.*, 2017). Nesse sentido, examinamos o número de homicídios de mulheres por morte violentas no Brasil a partir da geografia feminista, que nos permite evidenciar a violência contra a mulher como desigualdade de gênero, por meio das desigualdades socioeconômicas.

Diversos estudos se propuseram a analisar os homicídios no Brasil, Oliveira (2005) analisou o período de 1991 a 2000, observando os dados dos municípios brasileiros, encontrando correlação entre desigualdade de renda, educação e criminalidade. Loureiro e Carvalho Jr. (2007) analisaram a influência dos gastos em assistência social e concentração de renda sobre a criminalidade, composta também pela taxa de homicídios, no período entre 2001 e 2003. Meneghel e Hirakata (2011) realizaram um estudo sobre homicídios de mulheres no Brasil analisando a taxa de homicídios entre 2003 e 2007, e a correlação com variáveis socioeconômicas e de saúde através de um modelo de regressão linear múltipla por Unidade da Federação. Lopes e Vele da Silva (2013) examinaram a espacialização dos homicídios de mulheres em Rio Grande por um período de 3 meses em 2010. Carvalho e Taques (2015) analisaram a relação entre a desigualdade de renda e educação sobre as taxas de homicídios no Brasil no período de 2001 a 2009. Molinatti e Acosta (2015) analisaram as taxas de homicídios de mulheres na América Latina, incluindo o Brasil, entre os anos de 2001 e 2011. Paz (2016) analisou os inquéritos policiais referentes a homicídios de mulheres e entrevistas com familiares das vítimas no Rio Grande do Sul.

A presente pesquisa traz uma análise da desigualdade de gênero por meio de uma investigação dos homicídios de mulheres por um período mais extenso que os demais, relacionando-os com fatores socioeconômicos a nível de Brasil. Com a intenção de compreender como os homicídios de mulheres por morte violenta se relacionam com fatores socioeconômicos, este estudo analisou a evolução dos homicídios de mulheres no Brasil no período de 1981 a 2016 utilizando um modelo de regressão linear múltipla. Dessa forma, o estudo pretende contribuir para os estudos relacionados à geografia feminista no que diz respeito a violência contra as mulheres, demonstrando a relação entre violência contra a mulher e vulnerabilidade socioeconômica.

A etapa empírica deste trabalho foi conduzida com o apoio do *software* SPSS (*Statistical Package for Social Science*), utilizado como uma ferramenta estatística para analisar conceitualmente as informações geradas a partir de uma regressão linear múltipla pelo método Inserir (FIELD, 2017).

Este estudo está dividido em quatro etapas. Apresentamos uma seção acerca da geografia feminista e a violência contra a mulher. Em seguida, são

**Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay,  
Eduardo André Teixeira Ayrosa**



apresentados os procedimentos metodológicos em que utilizamos uma regressão linear múltipla com variáveis socioeconômicas na busca da compreensão do fenômeno. Posteriormente são apresentados os resultados encontrados e por fim, apresentamos a conclusão a respeito dos resultados encontrados assim como, limitações e sugestões de pesquisas futuras.

### **Geografia feminista e a violência contra a mulher**

Veleda da Silva (1998) e Zagarocin em Naylor *et al.* (2017) sugerem a geografia feminista como uma importante perspectiva teórica para a compreensão da desigualdade de gênero representada por diversas formas no meio social em que vivemos.

Engana-se aquele que pensa que o espaço social é neutro. Do ponto de vista de gênero, as mulheres ainda não ocupam certos lugares em nossa sociedade (VELEDA DA SILVA, 1998) e no que diz respeito aos homicídios por morte violentas o espaço em grande parte das vezes é a própria residência, significativamente distinto das mortes violentas sofridas por homens (WAISELFISZ, 2015).

O conceito de gênero é relacional (VELEDA DA SILVA, 1998) por ser constituído social e culturalmente por meio de relações de poder, dominação e opressão, que conduzem a desigualdades sociais e a exclusão (SCOTT, 1990; LAVINAS, 1997).

É notório que a mulher sempre foi relegada ao segundo plano na sociedade, com um papel reservado ao lar e as tarefas consideradas mais simples. Isto se deve à forma que a mulher “foi profundamente domesticada dentro da família patriarcal” (BEAUVOIR, 2014, p. 209).

Muitas mulheres aceitavam e ainda aceitam atitudes violentas principalmente no âmbito familiar, até porque a sociedade como afirma Beauvoir é patriarcal. A violência de gênero é entendida como uma violência histórica e estrutural em que uma das maneiras de a enfrentar é através de políticas públicas com atuação do Estado (LOPES; VELEDA DA SILVA, 2013). Contudo, preocupa-nos o avanço das políticas conservadoras a partir de 2019 (SILVA; ORNAT, 2020) que em muito contribuem para a manutenção desta desigualdade de gênero que se reflete, muitas vezes, por meio da violência.

Além disso, Bandeira (2014) destaca que a violência contra a mulher é distinta das outras formas de violência pois, o perpetrador desta ação não enxerga a vítima como um Outro igual e em mesmas condições de existência, ou seja, tal violência é motivada por demonstrações de desigualdades baseadas na condição de sexo. Seria a precariedade do Outro (BUTLER, 2011), que em seu extremo de violência promove a morte.

Ou seja, em nossa pesquisa, não pretendemos apenas inserir o gênero, temos o intuito de utilizar uma abordagem feminista para a compreensão da violência contra a mulher, buscando promover a justiça de gênero (SILVA e ORNAT, 2020), por entendermos que a violência contra a mulher é uma evidência desta relação de desigualdade.

A busca ao entendimento da violência pode ser um caminho a ser traçado para uma melhor compreensão do ambiente social ao qual pertencemos (PORTO, 2015). No entanto, apesar de a violência ser pervasiva com relação

**Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay,  
Eduardo André Teixeira Ayrosa**



ao tecido social, trata-se de um fenômeno que não é singular, mas sim plural e, portanto, difícil de conceituar e identificar, não existindo apenas a violência em si, mas múltiplas formas de violência (PORTO, 2015).

Além disso, Morfino (2008) embasado em Hegel (1995, [1816]), na 'Ciência da Lógica', destaca que a violência é uma ilusão de ótica, que ocorre apenas como uma reação a uma ação e ainda assim não sendo o resultado final de tal ação.

Pensando sobre as formas existentes de como a violência pode ocorrer, recorremos a conceituação de Zizek (2014) que a divide em subjetiva e objetiva. O autor define a primeira como uma violência visível, como uma ponta de um grande iceberg. São exemplos deste tipo de violência: atos de terror, conflitos internacionais e confrontos civis. Já, a violência objetiva é definida como o gatilho para a violência subjetiva. Zizek (2014) destaca que a forma subjetiva seria uma forma de explosão ocasionada pelas violências objetivas: simbólica e sistêmica.

A violência simbólica é exercida por linguagens e formas presentes na sociedade que exercem influência sobre as pessoas. A violência sistêmica está relacionada aos sistemas que regem a sociedade como um todo, principalmente os sistemas econômico e político, assim os resultados negativos destas ações são definidos pelo autor como uma violência sistêmica. Tais violências são consideradas invisíveis por Zizek (2014), podendo concluir que seria como a parte submersa do iceberg.

A violência contra a mulher que ocorre no âmbito familiar pode ser entendida como violência subjetiva, e uma possível ausência do Estado ou falha na resolução de tal problema pode ser entendida como uma violência sistêmica. O discurso machista difundido por nossa sociedade, como os argumentos referentes às roupas das mulheres ou a sua presença em determinadas profissões são exemplos de violência simbólica.

O homicídio de mulheres é divulgado por parte da mídia em determinados meios de comunicação simplesmente como um produto em que se busca atingir um maior número de pessoas, sem a devida preocupação com a vítima em si. Trata-se de uma desumanização da vítima que se torna somente produto (BUTLER, 2011), ou seja, trata-se de uma outra forma de violência sobre as mulheres.

Butler (2011) destaca que de acordo com Levinas (1999) o homem tem um desejo primário em matar o Outro. Da mesma forma, em O mal-estar na Civilização (2011, [1930]), Freud salienta que a agressividade é inerente à natureza humana e também fonte de prazer. Tanto Freud (2011, [1930]) quanto Butler (2011) destacam a importância e a possibilidade de se enfrentar tal violência e superá-la para que se encontre um equilíbrio.

Diversos estudos apontam para a questão da violência contra a mulher como um fenômeno que demonstra que este problema social é relevante para a academia e ainda não foi esgotado (MEDEIROS, 2011; MENEGHEL; HIRAKATA, 2011; LOPES; VELEDA DA SILVA, 2013; CECCON *et al.*, 2014; BANDEIRA, 2014; SILVA *et al.*, 2015; SCOTT *et al.*, 2016; DE MELLO AMARAL *et al.*, 2016; KIPNIS; GOMES, 2016).

Em pesquisa realizada pelo Data Popular e Instituto Patrícia Galvão (2013) foi constatado que as mulheres agredidas não se separam de seus

## Violência Contra a Mulher no Brasil: Uma Análise Multivariável acerca dos Homicídios de Mulheres entre 1981 - 2016

companheiros agressores por vergonha e medo de serem assassinadas. Além disso, existe a percepção de que 85% das mulheres que denunciam seus parceiros correm mais riscos de sofrer homicídio. Essa pesquisa também aponta que 70% dos entrevistados acreditam que a mulher sofre mais violência dentro de sua própria residência, o que é evidenciado no Mapa da Violência 2015. Neste estudo, Waiselfisz (2015) aponta que o percentual dos casos de violência contra as mulheres que ocorrem em suas residências é de 71,9 %. Além disso, o Mapa da Violência 2015 aponta que 27% dos casos de homicídios de mulheres ocorrem dentro da própria residência, enquanto o homicídio de homens no mesmo local representa apenas 10% dos casos.

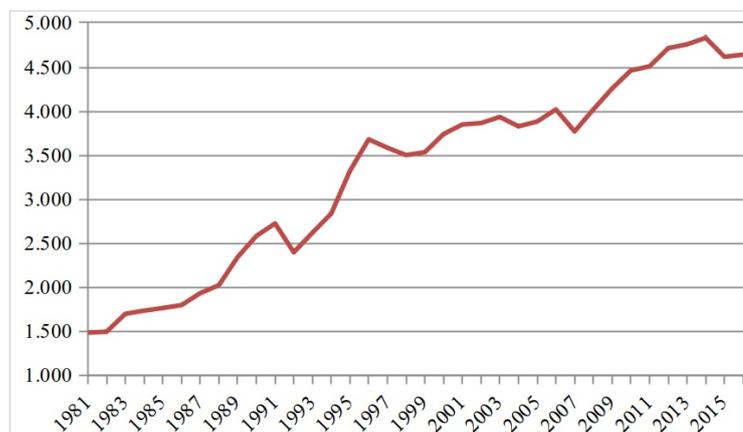
Um caso emblemático no Brasil foi o assassinato de Ângela Diniz pelo seu companheiro Doca Street em 1976, exemplo de como a sociedade, de uma maneira geral, até então, aceitava o homicídio de mulheres como defesa da honra. Em seu primeiro julgamento Doca foi condenado a dois anos de prisão e teve o direito de cumprir a sentença em liberdade a partir da argumentação da defesa de que agiu em legítima defesa da honra (MEDEIROS, 2011). No entanto, a autora destaca que o movimento feminista, em 1980, assinara o manifesto ‘Quem ama não mata’, rejeitando e reagindo à sentença, entretantes, em 1981, Doca foi novamente a julgamento e condenado por homicídio.

A pressão que a sociedade, com apoio dos movimentos feministas, impôs ao Estado sobre os casos de homicídios de mulheres no início da década de 1980 estimulou o Estado a criar políticas públicas que atendessem tal demanda (MEDEIROS, 2011).

### Procedimento metodológico

Com a intenção de compreender como os homicídios de mulheres por morte violenta são afetados por fatores socioeconômicos, este estudo analisou a evolução dos homicídios de mulheres no Brasil no período de 1981 a 2016 utilizando um modelo de regressão linear múltipla. O período escolhido deve-se a busca por uma compreensão aprofundada sobre o tema a partir da criação das primeiras políticas públicas referentes ao enfrentamento da violência contra as mulheres. No gráfico 1 apresenta-se a evolução dos homicídios de mulheres no Brasil no período estudado.

Gráfico 1 – Total de homicídios de mulheres entre 1981-2016



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do Mapa da Violência 2015 (WAISELFISZ, 2015) e do Atlas da Violência 2018 (CERQUEIRA *et al.*, 2018).

Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay,  
Eduardo André Teixeira Ayrosa

## Violência Contra a Mulher no Brasil: Uma Análise Multivariável acerca dos Homicídios de Mulheres entre 1981 - 2016

Utilizamos o Mapa da Violência – homicídios de mulheres no Brasil (WASELFISZ, 2015) para coletar os dados de homicídios de mulheres do período de 1981 a 2013. Os dados referentes aos anos de 2014 a 2016 foram retirados do Atlas da Violência 2018 (CERQUEIRA *et al.*, 2018), coletados pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (MS). O total de homicídios por ano foi somado a partir das categorias X85 a Y09 da CID 10 (WASELFISZ, 2015; CERQUEIRA *et al.*, 2018), tais categorias são denominadas como “CVLI: Crimes Violentos Letais Intencionais. Esses crimes têm como características a presença de agressão intencional de terceiros, cujos danos ou lesões causam a morte da vítima” (WASELFISZ, 2015, p.9). Sabe-se que estes dados podem ser subnotificados (GARCIA *et al.*, 2015). Contudo, são os dados que temos registrados e utilizados nos principais trabalhos sobre violência contra a mulher no Brasil.

Devido ao interesse em estudar o período de 1981 a 2016 buscaram-se no site do IPEADATA (2019) e IBGE (2019) variáveis que atendessem aos requisitos socioeconômicos do mesmo período e correlacionado com o número de homicídios de mulheres no Brasil de acordo com o levantamento teórico realizado.

As variáveis socioeconômicas selecionadas foram: Salário mínimo real, Coeficiente Gini (desigualdade de renda) e Anos de estudos de pessoas com 25 anos ou mais. As variáveis Salário mínimo real e Índice de Gini estão associadas à renda que já foi testada empiricamente por outros trabalhos no Brasil com intuito de indicar um efeito negativo nos homicídios (OLIVEIRA, 2005; MENEGHEL; HIRAKATA, 2011; BALASSIANO; COSTA; GOMES, 2012; CARVALHO; TAQUES, 2015), a variável Anos de estudos de pessoas com 25 anos ou mais foi escolhida para representar um dado referente à educação que teoricamente estaria relacionada a uma redução nos índices de homicídios (GARTNER; MCCARTHY, 1991; OLIVEIRA, 2005; CARVALHO; TAQUES, 2015).

Após a coleta de dados observou-se que os dados referentes aos anos 1991, 1994, 2000 e 2010 não estavam preenchidos para as variáveis: Índice de GINI e Anos de estudos de pessoas com 25 anos ou mais. Sendo assim, foram retirados os dados referentes a estes anos das outras variáveis. No entanto, a variável Índice de Gini mostrou-se fortemente correlacionada com as variáveis Salário mínimo real e Anos de estudos de pessoas com 25 anos ou mais. Dessa forma, retiramos a variável Índice de Gini. Na tabela 1 estão representadas as variáveis utilizadas no modelo e suas respectivas fontes.

Para a análise dos dados, o estudo foi conduzido com o apoio do *software* SPSS e utilizado como uma ferramenta estatística para analisar conceitualmente os dados gerados a partir de uma regressão linear múltipla pelo método Inserir (FIELD, 2017).

Com intuito de identificar se os dados das variáveis atendiam aos pressupostos de normalidade e colinearidade, realizamos um diagnóstico a respeito da normalidade, colinearidade, resíduos e observações influentes.

**Violência Contra a Mulher no Brasil: Uma Análise Multivariável acerca dos Homicídios de Mulheres entre 1981 - 2016**

Tabela 1 - Variáveis: dependente e independentes

Tipo	Variáveis	Descrição	Fonte
Dependente	Homicídios de mulheres	Total de homicídios de mulheres por morte violenta no Brasil (1981-2016)	(WASELFISZ, 2015; CERQUEIRA <i>et al.</i> , 2018)
Independente	Anos de estudos	Anos de estudos de pessoas com 25 anos ou mais (1981-2016)	IBGE
Independente	Salário mínimo real	Valor do salário mínimo real (1981-2016)	IPEADATA

Fonte: Elaborado pelos autores.

Todas as variáveis apresentaram valores aceitáveis para assimetria e curtose (valores entre -1,5 e 1,5) (FIELD, 2017). Prosseguindo com o diagnóstico dos dados, as correlações (valores abaixo de 0,8) entre as variáveis e o VIF (valores abaixo de 5) também não apresentaram problemas relacionados à multicolinearidade (HAIR *et al.*, 2018). Não foram observados resíduos padronizados ( $Z_{red} > 2,5$ ) e resíduos estudantizados ( $S_{red} > 2,5$ ) acima do aceitável, assim como, a distância de Mahalanobis, Cook e a alavancagem (*leverage*) estão dentro dos limites recomendados. As estatísticas de influência DFBeta padronizado para todas as variáveis apresentaram valores abaixo de 1 (FIELD, 2017).

### Resultados

A tabela 2 abaixo indica as correlações entre as variáveis do modelo. Observa-se que a variável Anos de estudos e a variável dependente Homicídios de mulheres é altamente positiva (0,963). Por outro lado, a variável Salário mínimo real apresenta uma correlação baixa e positiva com a variável dependente (0,333). Todas as correlações foram significativas.

Tabela 2 – Correlações

Correlação de Pearson	Homicídios de mulheres	Anos de estudos	Salário mínimo real
Homicídios de mulheres	1,00	0,963***	0,333*
Anos de estudos	0,963***	1,00	0,523**
Salário mínimo real	0,333**	0,523*	1,00

Nota: \*,\*\*,\*\*\* representam significância estatística ao nível de 5%, 1% e 0,1% respectivamente.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay, Eduardo André Teixeira Ayrosa



**Violência Contra a Mulher no Brasil: Uma Análise Multivariável acerca dos Homicídios de Mulheres entre 1981 - 2016**

A análise de regressão linear múltipla apontou um modelo com R<sup>2</sup> de 96,6% e um R<sup>2</sup> ajustado de 96,4% (F(2;29) = 417,126; p<0,001) para as variáveis independentes Anos de estudos e Salário mínimo real em relação à variável dependente Homicídios de mulheres conforme apresentado na tabela 3.

Tabela 3 – Resumo do modelo de regressão linear multivariada\*\*

Modelo	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> ajustado	Valor F	p
	0,966	0,964	417,126	,000*

Fonte: Elaborado pelos autores

\* - Previsores: (Constante), Anos de estudos, Salário mínimo real

\*\* Variável Dependente: Homicídios de mulheres

Na tabela 4, apresentamos os coeficientes da equação do modelo para os Homicídios de mulheres no Brasil, com o teste t apontando a significância das variáveis independentes Anos de estudos (p<0,001), Salário mínimo real (p<0,001) e a constante (p<0,001). Nota-se que a variável Anos de estudos se relaciona positivamente com a variável dependente Homicídios de mulheres ao contrário da variável Salário mínimo real que reduz (-1,526) a variável dependente. Contudo o efeito da variável Anos de estudos mostra-se mais forte sobre os Homicídios de mulheres, conforme apresentado na tabela 4 pelos coeficientes padronizados Beta das duas variáveis.

Sendo assim, a equação para o modelo explicativo para os Homicídios de mulheres no Brasil (y) por meio dos fatores socioeconômicos Anos de estudos e Salário mínimo real no período de 1981 a 2016 é:

$$Y_{\text{Homicídios de mulheres}} = -977,109 - 1,526 (x1) + 902,620 (x2).$$

Na equação acima x1 e x2 são respectivamente as variáveis independentes Salário mínimo real; Anos de estudos de pessoas com 25 anos ou mais. Este modelo apresentou uma capacidade de predição de 96,6 % (R<sup>2</sup> = 0,966).

Tabela 4 - Coeficientes do modelo Brasil 1981-2016\*

Modelo	Coefficientes não padronizados	Coefficientes padronizados	T	p
(Constante)	-977,109	0,964	-5,389	0,000
Salário mínimo real	-1,526	-0,234	-5,868	0,000
Anos de estudos	902,620	1,085	27,178	0,000

Fonte: Elaborado pelos autores

\* - Variável dependente: homicídios de mulheres

O resultado aponta que uma elevação no Salário mínimo real reduz os Homicídios de mulheres, como esperávamos que ocorresse de acordo com a literatura e que se aproxima de resultados encontrados por outras pesquisas no Brasil, como por exemplo, Oliveria (2005), de que um incremento na renda reduz os delitos, assim como as pesquisas de Meneghel e Hirakata (2011) e Paz (2016) que indicam uma forte relação entre pobreza e homicídios de

Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay,  
Eduardo André Teixeira Ayrosa



mulheres.

Por outro lado, o resultado contraintuitivo de que o aumento dos Anos de estudos tem contribuído para o aumento de Homicídios de mulheres também foi encontrado em outras pesquisas sobre criminalidade e homicídios, especificamente, no Brasil como, por exemplo, Oliveira (2005), Carvalho e Taques (2015). Este resultado requer uma maior atenção e necessidade de exploração para uma melhor compreensão. Um possível caminho para entendimento a respeito deste resultado é o fato de que geralmente as mulheres vítimas de homicídios apresentam maior nível de escolaridade em relação aos seus perpetradores (MENEGHEL; HIRAKATA, 2011). Com a inserção das mulheres no mercado de trabalho e em alguns casos uma certa independência financeira possibilitou que as mulheres aumentassem os anos de estudos, inclusive ultrapassando a média de anos de estudos dos homens.

Dessa forma, podemos afirmar que os resultados encontrados estão de acordo com resultados encontrados na literatura, mesmo não sendo os resultados que esperávamos encontrar.

### **Conclusões**

O objetivo desta pesquisa foi analisar se os homicídios de mulheres por morte violenta são afetados por fatores socioeconômicos, especificamente, Salário mínimo real e Anos de estudos de pessoas com 25 anos ou mais. Para tal, este estudo analisou a evolução dos homicídios de mulheres no Brasil no período de 1981 a 2016 utilizando um modelo de regressão linear múltipla, em que foi testada a hipótese de que os homicídios de mulheres são reduzidos com incremento destes fatores socioeconômicos. Assim sendo, em nossa hipótese inicial acreditávamos que fatores socioeconômicos seriam capazes de alterar o fenômeno a respeito dos homicídios de mulheres, gerando uma mudança significativa em que seria possível reduzir este fenômeno através destes fatores socioeconômicos.

Todavia, os resultados encontrados indicam que a apesar de a educação ter avançado neste período (1981-2016), com um aumento dos anos de estudos dos brasileiros, este fator não gerou um efeito capaz de reduzir os homicídios de mulheres, pelo contrário, sua relação é fortemente positiva, inclusive agravando tal atrocidade. Acreditamos que se deve ao fato de as mulheres conseguirem ter acesso à educação, inclusive invertendo a média de anos de estudos, apresentando uma maior média do que as dos homens neste período de acordo com os dados do Ipeadata e IBGE.

Os resultados indicam também, que um incremento na renda por meio do salário mínimo real, é capaz de reduzir os homicídios de mulheres. Este resultado está de acordo com a literatura, inclusive pelo fato de que um dos problemas apontados pelos estudos sobre o assunto no Brasil está relacionado com a pobreza (OLIVEIRA, 2005; MENEGHEL; HIRAKATA, 2011; PAZ, 2016).

Este resultado mostra-se importante se observarmos que a região norte, com menor renda per capita, é também a que apresenta a maior taxa de homicídio de mulheres por 100 mil habitantes. Além disso, o Mapa da Violência 2015 indica que com poucas exceções geográficas, as mulheres negras são as

**Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay,  
Eduardo André Teixeira Ayrosa**

principais vítimas de homicídio no Brasil. Ou seja, dados que indicam que a desigualdade social está fortemente associada a desigualdade de gênero, evidenciada por meio da relação entre violência contra mulher e vulnerabilidade socioeconômica.

Apesar dos avanços nas políticas públicas de enfrentamento a violência contra a mulher, observa-se que não estamos obtendo uma efetividade com resultados positivos o que é constatado pelo aumento de homicídios de mulheres ano após ano. E o fato da sociedade brasileira ser patriarcal, machista e com forte desigualdade de gênero em toda a sociedade, não sendo um problema de apenas uma determinada classe social como já foi apresentado por outros estudos (MENEGHEL; HIRAKATA, 2011; LOPES; VELEDA DA SILVA, 2013; CECCON *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2015; KIPNIS e GOMES, 2016), torna mais grave esta forma de violência. Os resultados encontrados, principalmente, relacionado aos anos de estudo nos induz a crer que a educação em si não auxilia na resolução deste problema, pelo contrário, está correlacionada ao problema. O que nos faz repensar se há discussão sobre estes temas nas escolas e como este resultado pode ser invertido. Outro ponto de vista nos faz pensar que o fato das mulheres conseguirem um maior nível de estudos em relação a seus companheiros (MENEGHEL; HIRAKATA, 2011) pode ser uma das ocorrências deste fenômeno brutal que requer maiores aprofundamentos.

Assim, os resultados encontrados nos induzem a refletir sobre a educação que é oferecida em nossa sociedade. Além da qualidade do ensino devemos refletir também sobre o conteúdo transmitido a nossa sociedade. Temas como a violência contra a mulher deveriam receber mais espaço nas escolas para que se conscientize a sociedade como um todo sobre este problema social.

Beauvoir (2014) aponta que a mulher de nossa sociedade se desenvolve e aprende a ser mulher de acordo com regimentos impostos pela sociedade que as privam dos mesmos direitos que os homens e estes lidam com a violência de uma forma diferente, afinal, o homem na infância e juventude, de uma maneira geral, passa por experiências relacionadas às brigas, ao contrário da mulher que deve se comportar como uma dama, recatada e do lar. Esta forma de educar contribui para uma sociedade patriarcal e com uma forte desigualdade de gênero.

Outrossim, não se pode deixar de lado que os dados apontam que a violência contra a mulher não é um problema relacionado a uma determinada classe social menos favorecida e que atinge as pessoas com menos escolaridade, este é um problema social que afeta a todos. Como já dito, existem fatores estruturais que influenciam o fenômeno.

Uma limitação do nosso trabalho refere-se ao fato dos dados referentes ao total de homicídios de mulheres serem subnotificados (GARCIA *et al.*, 2015). Contudo, buscamos utilizar os dados dos principais trabalhos no que diz respeito à violência contra a mulher e acredita-se que os resultados apontaram associações significativas, indicando a importância de enfrentar a violência contra a mulher com ações em conjunto com outras áreas sociais como a educação por exemplo.

Para estudos futuros sugere-se analisar o fenômeno por um período menor, que seja capaz de utilizar outras variáveis socioeconômicas que possam

**Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay,  
Eduardo André Teixeira Ayrosa**

confirmar os resultados encontrados ou abrir novas perspectivas sobre o problema de homicídio de mulheres no Brasil. Analisar o problema sobre uma perspectiva cultural e por regiões também poderá fornecer resultados que possibilitem compreender melhor este fenômeno, visto que Mariano (2010) aponta que os níveis de criminalidade, em sua pesquisa, estão além dos fatores socioeconômicos, sendo correlacionados com a moral e a cultura.

Este fenômeno deve ser visto como uma tragédia social que necessita de apoio não somente acadêmico, mas de uma conscientização da sociedade que pode ser alcançada a partir de políticas públicas eficazes e com apoio da mídia, movimentos sociais e da atuação do Estado através de seus Poderes.

Lembramos que qualquer pessoa pode denunciar qualquer tipo de violência contra a mulher por meio do 'Ligue 180', a denúncia é anônima e gratuita, o serviço está disponível 24 horas, em todo o país (BRASIL, 2005). Além disso, o 'Ligue 180' também recebe reclamações sobre os serviços de rede de atendimento à mulher e orienta sobre os direitos e legislação vigente.

### **Referências**

AGUIAR, Leticia Caroline Doretto. **A violência por parceiro íntimo na gestação e a vivência da sexualidade após a maternidade**. 2015. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde), USP, Ribeirão Preto.

BALASSIANO, Lucas; COSTA, Cristiano M.; GOMES, Fábio A. R.; Os fatores econômicos importam? Uma análise da criminalidade no estado do Rio Grande do Sul. **Fucape Working Papers**, v.35, p. 1 – 41, 2012.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 449 - 469, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2014.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Ligue 180**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/ligue-180>>. Acesso em 25 maio 2020. Brasília, 2005.

BUTLER, Judith. **Vida precária**. Contemporânea, n. 1, p. 13 - 33, 2011.

CARVALHO, Renata Costa de; TAQUES, Fernando Henrique. A desigualdade de renda e a educação podem explicar a criminalidade? Uma análise para os estados brasileiros. **Revista de Políticas Públicas**, v.18, n.2, p. 343 - 357, 2015.

CECCON, Roger Flores; MENEGHEL, Stela Nazareth; HIRAKATA, Vania Naomi. Mulheres com HIV: violência de gênero e ideação suicida. **Revista de saúde pública**, v. 48, n. 5, p. 758 - 765, 2014.

**Violência Contra a Mulher no Brasil: Uma Análise Multivariável acerca dos Homicídios de Mulheres entre 1981 - 2016**

CERQUEIRA, Daniel; FERREIRA, Helder; LIMA Renato Sergio de; BUENO, Samira; HANASHIRO, Olaya; BATISTA, Filipe; NICOLATO, Patricia. **Atlas da Violência 2018**. Brasília, 2018.

DATA POPULAR, INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Percepção da Sociedade sobre Violência e Assassinatos de Mulheres**. 2013.

DE MELLO AMARAL, Luana Bandeira; VASCONCELLOS, Thiago Brasileiro de; DE SÁ, Fabiana Elpídio; SILVA, Andrea Rocha Soares da; MACENA, Raimunda Hermelinda Maia. Violência doméstica e a Lei Maria da Penha: perfil das agressões sofridas por mulheres abrigadas em unidade social de proteção. **Estudos Feministas**, v. 24, n. 2, p. 521 - 540, 2016.

FIELD, Andy. **Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics**. 5ed. London: Sage, 2017.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Editora Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 2011.

GARCIA, Leila Posenato. FREITAS, Lucia Rolim Santana de. SILVA, Gabriela Drummond Marques da. HOFELMANN, Doroteia Aparecida. Estimativas corrigidas de feminicídios no Brasil, 2009 a 2011. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 37, p. 251 - 257, 2015.

GARTNER, Rosemary; MCCARTHY, Bill. The social distribution of femicide in urban Canada, 1921-1988. **Law and Society Review**, p. 287 - 311, 1991.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das ciências filosóficas I. A Ciência da Lógica**. Edições Loyola, São Paulo, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE**. [S.I.:s.n.], 2019. Indicadores pesquisados: Anos de estudos de pessoas com 25 anos ou mais. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em 07 jan 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA. **Ipeadata**. [S.I.:s.n.], 2019. Indicadores pesquisados: salário mínimo real, coeficiente de GINI. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em 19 jan 2019.

KIPINIS, Beatriz Junqueira; GOMES, Vinicius Peinado. Mulheres em Situação de Vulnerabilidade Social: Contextos, Construção Simbólica e Políticas Públicas. **Anais XL Encontro da ANPAD**, Bahia, 2016.

LAVINAS, Lena. Gênero, cidadania e adolescência. In: MADEIRA, Felícia Reicher. **Quem mandou nascer mulher?: estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997, p. 11 - 43.

Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay,  
Eduardo André Teixeira Ayrosa



LEVINAS, Emmanuel. **Alterity and transcendence**. New York, Columbia University Press, 1999.

LOPES, Marília Cardoso; SILVA, Susana Maria Veleda da. Da paixão ao crime: uma espacialização da violência contra as mulheres em Rio Grande-RS. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 4, n. 1, p. 58 - 74, 2013.

LOUREIRO, André Oliveira Ferreira; CARVALHO, José Raimundo. O impacto dos gastos públicos sobre a criminalidade no Brasil. In: 35º Encontro Nacional de Economia, v. 35, 2007. **Anais do 35º Encontro Nacional de Economia**, 2007.

MARIANO, Rodrigo Silva. **Fatores Socioeconômicos da Criminalidade no Estado de São Paulo**: em enfoque da economia do crime. 2010. 116f. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MEDEIROS, Luciene Alcinda de. Quem Ama Não Mata: A atuação do movimento feminista fluminense no enfrentamento da violência doméstica contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo. **Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH–Associação Nacional de História**. São Paulo, USP, 2011.

MENEGHEL, Stela Nazareth; HIRAKATA, Vania Naomi. Femicídios: homicídios femininos no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, n. 3, p. 564 - 574, 2011.

MOLINATTI, Florencia; ACOSTA, Laura Débora. Tendencias de la mortalidad por agresiones en mujeres de países seleccionados de América Latina, 2001-2011. **Revista Panam Salud Publica**, v. 37, n. 4/5, p. 279 - 286, 2015.

MORFINO, Vittorio. The syntax of violence between Hegel and Marx. **Trans/Form/Ação**, v. 31, n. 2, p. 19 - 37, 2008.

NAYLOR, Lindsay; DAIGLE, Michelle; ZARAGOCIN, Sofia; RAMIREZ, Margaret Marietta; GILMARTIN, Mary. Interventions: Bringing the decolonial to political geography. **Political Geography**, v. 66, p. 199 - 209, 2017.

OLIVEIRA, Cristiano Aguiar de. Criminalidade e o tamanho das cidades brasileiras: Um enfoque da Economia do Crime. In: 33º Encontro Nacional de Economia, 33, 2005, Natal. **Anais do 33º Encontro Nacional de Economia**, 2005.

PAZ, Potiguara de Oliveira. Femicídios rurais: uma análise de gênero. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 30, n. 2, p. 1 - 11, 2016.

**Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay,  
Eduardo André Teixeira Ayrosa**



**Violência Contra a Mulher no Brasil: Uma Análise Multivariável acerca dos Homicídios de Mulheres entre 1981 - 2016**

PORTO, Maria Stela Grossi. A violência, entre práticas e representações sociais: uma trajetória de pesquisa. **Sociedade e Estado**, v. 30, n. 1, p. 19 - 37, 2015.

SCOTT, Parry; NASCIMENTO, Fernanda Sardelich; CORDEIRO, Rosineide; NANES, Giselle. Redes de Enfrentamento da Violência contra Mulheres no Sertão de Pernambuco. **Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 851 - 870, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero – uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 18, n. 2, p. 71 – 99, 1990.

SILVA, Elisabete Pereira; VALONGUEIRO, Sandra; ARAÚJO, Thália Velho Barreto; LUDERMIR, Ana Bernarda. Incidência e fatores de risco para violência por parceiro íntimo no período pós-parto. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, p. 1 - 9, 2015.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Geografias feministas na América Latina: desafios epistemológicos e a decolonialidade de saberes. **Journal of Latin American Geography**, v. 19, n. 1, p. 163 - 171, 2020.

VELEDA DA SILVA, Susana Maria. Geografia e gênero/geografia feminista-o que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 23, n. 1, p. 105 – 110, 1998.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil**. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>. Acesso em: 06 mar 2017. Brasília, 2015.

ZIZEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. Boitempo Editorial, São Paulo, 2014.

Recebido em 28 de setembro de 2017.

Aceito em 17 de outubro de 2018.

Clayton Pereira Gonçalves, Maria Cristina Fogliatti de Sinay,  
Eduardo André Teixeira Ayrosa

112